

GT58: Pandemia silenciosa: o impacto do novo coronavírus na saúde mental em tempos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19

Érica Quinaglia, Sônia W. Maluf

Este GT visa a reunir pesquisas que abordem práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental nos contextos de enfrentamento à pandemia de Covid-19 e de pós-pandemia. Apresentada como uma outra pandemia, subjacente e paralela à de Covid, as questões de saúde mental têm aparecido como problemas emergentes nas políticas de saúde no país e em nível global. Torna-se premente a compreensão antropológica dos impactos específicos que esses contextos trouxeram para a saúde mental; a análise sobre o quanto a saúde mental se torna uma linguagem e um modelo explicativo para questões mais amplas de sofrimento social; o escrutínio sobre quais são os caminhos futuros para políticas de saúde mental e para a emergência de novas práticas, experiências e saberes sobre esse tema. A proposta comporta, de um lado, práticas e saberes locais, tradicionais e/ou dissidentes de sujeitos e coletividades em relação a saúde/adoecimento/sofrimento mental; e, de outro, políticas públicas, serviços e ações do Estado nesse campo, envolvendo redes de atendimento, dispositivos epidemiológicos, políticas e biopolíticas pretensamente universais e seus modos desiguais de distribuição de direitos. A intenção é ampliar a compreensão das questões atinentes aos processos de sofrimento, aflição, perturbação e/ou adoecimento, práticas, políticas e discursos a partir de um olhar antropológico sobre esta pandemia silenciosa e sobre o impacto dos contextos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19 na saúde mental.

Quando o tratamento não cura: relatos e trajetórias terapêuticas no contexto da pandemia de COVID-19 em Belém/PA

Autoria:

Este trabalho visa analisar, sob uma perspectiva da antropologia da saúde, a trajetória de pessoas acometidas pela COVID-19, mais especificamente aquelas que apresentam a chamada Síndrome Pós-COVID-19 na capital paraense. Por meio de entrevistas semiestruturadas, busca-se investigar como se constitui a rede de cuidados dessas pessoas, seja pela rede de saúde pública ou privada, quais as formas de tratamento, como convivem com sequelas da doença e de que forma isso afeta o cotidiano desses interlocutores. Isso porque o olhar e a compreensão sobre as experiências pessoais, bem como a elaboração de seus cuidados, desenhando trajetórias em diferentes redes que lhe proporcionem algum suporte, são muito importantes. A noção de sofrimento, causado pela enfermidade, faz alusão a uma trajetória adotada em busca de tratamento. A doença, por sua vez, como indicam Rodrigues e Caroso (1999), trata-se de uma experiência física e subjetiva, envolvida em complexa rede de sentimentos que orientam os indivíduos em suas buscas por significados. Trata-se de uma relação que vai além do caráter biológico dos cuidados com o corpo doente, estendendo-se ao caráter das interações sociais. Nesse contexto pandêmico, os relatos de experiências pessoais e familiares, bem como o modo que elaboram seus cuidados, desenhando trajetórias em diferentes redes que lhe proporcionem algum suporte, mostra-se relevante. Assim, é importante compreender a forma como as pessoas processam e compartilham as informações acerca da doença, assim como trazer à perspectiva os impactos que a mesma traz às suas vidas. Palavras-chave: Covid-19, trajetória, tratamento, experiência.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

